

Marcelo Almeida Oliveira*

Bolsista CAPES (Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), Brasil

Uma Contribuição ao estudo dos espaços verdes em sítios coloniais

Resumo

É possível imaginar a riqueza de particularidades existentes em muitas paisagens típicas do Brasil, mas que, ao serem confrontadas em suas origens, ligadas ao passado colonial, nelas são identificados resquícios da cultura luso-brasileira, que refletem sabores, cheiros, sons, texturas e múltiplas visões características. Até mesmo as plantas, esquecidas no tempo da memória, guardam segredos, capazes de despertar curiosidades em pesquisadores sobre valores atribuídos a determinados cultivos, que, mesmo sendo registrados na ótica purista de determinados relatos de época, expressaram de maneira indireta o quanto foi marcante a influência lusa na cultura brasileira. A concepção de natureza, rebatida nos diversos tipos de áreas verdes construídas em cidades coloniais, é revelada na ambiência de lugares, como no entorno de varandas, que permitiam ao homem a experiência dos sentidos. O resgate desses refinamentos de cultura e de outros conhecimentos, lembrados através de quem os divulgou na história, pode redirecionar práticas adotadas na atualidade para a preservação de áreas verdes de interesse cultural no Brasil.

Abstract

It is easy to picture the wealth and variety of features found in many typical Brazilian landscapes, but when these are confronted with their origins, closely related with the country's colonial past, they reveal vestiges of a Luso-Brazilian culture that reflects tastes, smells, sounds, textures and a variety of distinctive images. Even the long forgotten memories of plants hide secrets that can persuade researchers to revisit values associated to certain cultivations, which, even when described by the purist eyes of those days, indirectly testify of how much the Portuguese influenced Brazilian culture. The idea of nature, transplanted into different types of green areas of the colo-

* A realizar doutoramento pela Universidade de Évora, sob a orientação da Professora Aurora da Conceição Parreira Carapinha, ramo de Artes e Técnicas da Paisagem. Este trabalho foi, também, desenvolvido com o apoio do Centro de História da Arte da Universidade de Évora.

nial towns, is felt in the atmosphere surrounding areas such as the verandas that allowed man to the experience his senses. Tracing these remnants of culture and other indications of refined knowledge, recollected by those who made them known in history, may contribute to redirecting practices used today in an effort to preserve green areas of cultural interest in Brazil.

A abordagem do tema é um desafio, que deve ser compreendido como uma das possibilidades de tratar a História da Arquitectura no Brasil, que ainda pouco se deteve em interpretações sobre a construção do verde em sítios classificados. Ressaltamos a necessidade de valorizar os conjuntos arquitectónicos a partir da integração entre componentes culturais e ecológicos. Levando-se em conta a referida maneira de pensar, percebemos os espaços abertos, em suas mais diversas categorias tipológicas, como lugares que agregaram, ao longo do tempo, saberes disseminados não só pelo colonizador de origem europeia, mas por outros promotores, como o índio e o negro.

Antes de desenvolvermos alguns aspectos relativos à mencionada herança, convém reforçar a estreita ligação que existe entre o assunto a ser tratado e o processo de formação da sociedade brasileira, que, segundo RIBEIRO (1995: 11-26), foi fruto de uma gestação, concebida originalmente a partir de caldeamentos, confluências e entrechoques, entre matrizes e tradições bem diferenciadas: a versão ameríndia, a variante lusitana, hegemónica, e a vertente dos negros africanos, resultando em vários brasis, marcados por diversidades regionais. Equivale dizer de muitos caboclos, caipiras, crioulos, gaúchos, mineiros, sertanejos, dentre outros tipos característicos, que compõem o universo humano, com distintos *modus vivendi*. A partir daí, é possível imaginar a riqueza de particularidades existentes em muitas paisagens, que mantiveram em comum a mesma origem, ligada ao passado de fortes traços portugueses.

Compreender a identidade brasileira levando-se em conta tal aspecto é fundamental, inclusive para perceber melhor os espaços abertos, construídos para aliar o útil ao agradável, reflexo da maneira de ser do colonizador, que segundo FREYRE (1942:39): “(...) **é, e sempre foi, o homem da horta emendada com o jardim, da igreja pegada a casa; da botica ou da cozinha vizinha do laboratório. O povo do útil reunido ao agradável; do sobrenatural reunido ao cotidiano; da ciência a serviço da vida (...)**” (sublinhado nosso). De todas as influências herdadas, a cultura lusíada é a grande promotora de conceitos, costumes e valores, que vai incidir na materialização de diversos tipos de verde, destacando-se o clero, como um dos segmentos mais actantes da sociedade colonial, no repasse de práticas ligadas à agricultura e à jardinagem. Existem registos sobre a maneira sábia como os padres cuidaram de suas hortas, pomares e ou jardins, sem mencionar a competência com que lidaram com os recursos naturais em

suas propriedades, localizadas em zonas periurbanas e ou rurais, nas mais diversas circunstâncias¹.

Os recolhimentos religiosos tornaram-se locais propícios para a difusão de referências simbólicas e saberes específicos, que visavam a harmonia entre cultura e natureza. No contexto específico, podemos citar os relatos do jesuíta, António SEPP (1655-1733) ([1951]:113), que visitou as missões no século XVII. Em seus registos, ficaram salientadas várias funções desempenhadas por religiosos e diversos congregados. Dentre elas, era incentivada a actividade de jardineiro, uma das muitas especialidades desenvolvidas no interior dessa e de outras Ordens, que promoveram o repasse de conhecimentos às “selvas intransponíveis” ou aos “sertões brutos”, conforme palavras do citado padre. Assim num Collegium Societas, comparado a uma república bem organizada:

“(…) o Padre precisa ser tudo a todos! Precisa ser: cozinheiro, dispenseiro, comprador e gastador, enfermeiro, médico, arquiteto, **jardineiro**, tecelão, ferreiro, pintor, moleiro, pedreiro, escrivão, carpinteiro, louceiro, oleiro e tudo quanto pode haver ainda de funções numa república bem organizada, numa comunidade, cidade ou num Collegium Societas, ou num convento da Santa Ordem” (sublinhado nosso).

No que se referia aos cuidados de lugares cultivados em conjuntos arquitectónicos religiosos, o Padre SEPP ([1951]:141) deixava claro que ocorriam inspecções periódicas, para verificar se os hortelões ou jardineiros estavam realizando satisfatoriamente as tarefas de capinar, plantar, regar e semear os muitos canteiros. Ao informar sobre a redução indígena de Japeyu ou dos Três-Santos-Reis, uma das trinta reduções existentes no chamado “Reino Teocrático Jesuítico-Índigena”, junto ao rios Paraná e Uruguai², situados no actual extremo sul brasileiro, o mencionado padre forneceu informações a respeito da vida quotidiana não só na referida localidade, mas na região, que compreendia parte dos territórios da Argentina, do Paraguai e do Uruguai, domínios da então Coroa Espanhola.

¹ Os jesuítas, por exemplo, souberam aproveitar os recursos naturais, específicos de cada sítio, através de determinados artifícios e empreendimentos, como abrir valas para sanear restingas e campos alagadiços, e potencializar o uso de pastagens, destinadas a engorda de gado, etc.

Cf. LEITE (1945: 201-6).

² Segundo informações fornecidas por Wolfgang Hoffmann Harnisch, as reduções constituíram comunidades indígenas cristianizadas e organizadas em aldeamentos, verdadeiros baluartes a serviço da Coroa Espanhola e Portuguesa, com actividade económica grandiosa e auto-suficiente. Administradas por padres jesuítas, tiveram uma fase principal durante o período de 1690 a 1750, aproximadamente. Segundo a legislação colonial espanhola vigente, não era permitida a realização de serviços religiosos por jesuítas de outras nacionalidades, a não ser por súditos da Áustria, de Flandres e de possessões da Itália, o que explica o trabalho do Padre Sepp, de nacionalidade austríaca, como missionário na redução de Japeyu, uma das trinta reduções localizadas em território espanhol, das quais oito ficavam em terras do actual Paraguai, quinze na Argentina e sete, em sítios brasileiros, no Rio Grande do Sul.

SEPP([1951]: 5-50).

Interessa perceber a maneira como foi relatado o verde na referida redução, e por consequência em outras comunidades cristianizadas. Encontrava-se organizado a partir de hortas, pomares/vergéis e ou jardins, considerados numa alusão à fertilidade da América³, recurso descritivo também utilizado pelo português Ambrósio Fernandes BRANDÃO (1997:142), em sua obra intitulada *Diálogos das Grandezas do Brasil*, datada do ano de 1618, que relacionou espécies vegetais nativas e transplantadas, fornecendo indicativos sobre a produção e o recreio em espaços abertos. Não podemos deixar de mencionar a contribuição de indígenas na ampliação do repertório botânico em jardins criados por religiosos, que souberam aproveitar a sabedoria de seus neófitos. Destacamos a experiência dos ameríndios com os segredos da flora nativa, particularmente apropriada para elaboração de remédios alternativos ou caseiros, valorizados por serem eficazes no combate a determinadas enfermidades⁴. As ervas medicinais foram cultivadas em hortas domésticas, dividindo espaço com espécies de valor alimentar, condimentar e ou ornamental. Era uma amostra de que o útil se fazia presente, lado a lado, com o agradável, o que foi considerado como um padrão de beleza, divulgado a partir da cultura ibérica.

É o que se observa no episódio relativo à permanência do índio Lourenço no Colégio de Santo Alexandre, em Belém do Pará. O que chamou atenção em tal acontecimento, foi o motivo do cristianizado Lourenço não ser um índio qualquer e sim pajé de uma tribo das bandas do Japurá, que tinha sido abrigado há vinte e um anos antes por religiosos jesuítas. No diário da Ordem, referente ao período de 1756-1760, ficou evidenciada a sua breve história. Além de ter boa conduta, exercia duplo ofício: assegurar água para o lavatório dos padres e “*cuidar do horto do Colégio, plantando legumes, cheiros e flores*”⁵. Os pajés, também conhecidos por “feiticeiros”, eram homens que desempenhavam funções religiosas e médicas, justamente por conhecerem os segredos curativos e “mágicos” das plantas, e a riqueza do mundo vegetal, o que motivou o português

³ Em relação ao jardim da redução de Japeyu foi feita a seguinte descrição: “*Temos um jardim extraordinariamente grande, para o qual só preciso dar um passo, vindo do meu quarto. Há aí uma horta para hortaliças e saladas, outra para árvores frutíferas, uma com ervas para os doentes, bem como uma vinha particularmente linda. Vamos passear por todos esses jardins, para que vejamos como é fértil esta terra e que cresce na América (...)*”.

SEPP([1951]:115-116).

⁴ “*As outras ervas naturais são inumeráveis, e tão ativa a virtude de algumas, que se alcançaram a notícia e experiência delas Dioscórides e Plínio, seriam o maior emprego das suas penas e observações. O conhecimento dos seus efeitos nos ocultaram sempre os gentios, tenazes do segredo e ávaros dos bens que lhes concedeu a natureza; porém de alguns mais domésticos, e da experiência que a falta de outros remédios deu aos penetradores dos sertões, onde não havia boticas, nem medicinas, se veio a conhecer a sua força e a exercer a sua prática*” (sublinhado nosso).

PITA (1976:28).

⁵ LEITE (1943b:309).

a estabelecer uma cultura de contacto com as populações nativas, para além de outros interesses⁶.

Também, é preciso saber ler relatos de época, cujos conteúdos expressaram concepções próprias de determinados contextos. Para exemplificar o mencionado entendimento, podem ser citadas as metáforas de crónicas religiosas, que, ao tratarem do cultivo da fé, permitiram compreender, através de imagens criadas, o sentido do útil associado ao agradável, do trabalho religioso recompensado pela fertilidade e bondade de uma natureza pautada pela mão do Criador. O referido modo de perceber a vida, regida por poderes divinos, revelava a experiência das Ordens com os segredos da terra⁷, que transcenderam os domínios de mosteiros e conventos, sendo convenientemente apropriados por padres seculares.

⁶ Algumas referências históricas ilustram a importância do cultivo de plantas medicinais em domínios de hortas e jardins particulares, uma vez que eram fonte de cura para doenças. Os remédios caseiros eram tomados como uma verdadeira salvação para o corpo e espírito. O Padre Serafim Leite, ao resgatar antigos registos da “Triaga Brasilica”, tido como principal medicamento de boticas jesuítas, ilustra a realidade vivida, cuja matéria-prima era obtida a partir de plantas medicinais nativas, símbolo de fertilidade da natureza, muitas delas cultivadas em conventos e mosteiros.

“*Triaga Brasilica. Entre todos os medicamentos dos Jesuítas do Brasil, este alcançou maior nomeada. Feito pelo Ir. André da Costa, do Colégio da Baía, natural de Lyon de França. ‘Pharmacopola et chimicus insignis’, como se lê no Catálogo de 1683. A ‘Triaga Brasilica’ tem hoje apenas interesse histórico. Mas ainda hoje é útil a relação das numerosas raízes e ervas medicinais, que entram na sua composição, e se descrevem, com os lugares donde procediam, muitas delas das Quintas dos Padres em diversas partes do Brasil (...). ‘Notícia do Antídoto, ou nova Triaga Brasilica que se faz no Colégio da Companhia de Jesus da Bahia. Com as virtudes e propriedades della experimentadas há muitos annos em varias enfermidades. # A Triaga Brasilica he hum Antídoto, ou Panacêa composta á imitação da Triaga de Roma, e de Veneza; de varias plantas, raizes, e ervas, e drogas do Brasil, que a natureza dotou de tão excellentes virtudes, que cada huã por si só póde servir em lugar da Triaga de Europa; pois com algumas das raizes, de que se compoem este Antídoto, se curão nos Brazis de qualquer peçonha, e mordedura de animais venenosos, como tambem de outras varias enfermidades (...).’* (sublinhado nosso).

LEITE (1949a:283). A citação no original é apresentada através da seguinte referência, Bras. 5(2), 60. Possivelmente, trata-se do Cód. Brasília 5-6: *Catalogi Breves et Triennales 1558-1757*, localizado no *Archivum Societatis Iesu Romanum*.

⁷ A intimidade de religiosos com os tratos da terra pode ser considerada através de metáforas, cujos conteúdos expressam associações de ideias que reflectem vivências no mundo da fé e na realidade do campo, como a que foi escrita por Frei Jaboatam, ao falar do sucesso da transposição de ramos da “seráfica árvore” da “Santa Província de Santo António de Portugal” para o Brasil:

“*Também não he gloria pequena para a nossa Custodia do Brasil ser ella hum formoso, e florente Ramo de tão pomposa, e fructifera Arvore, como he a Santa Província de Santo Antonio de Portugal, e que fossem tão venerados, e veneraveis Padres os seus Fundadores. E supposto se acha hoje este Ramo separado daquella Arvore, nem a Arvore perdeu por isso o seu ornato, e formosura, e nem o Ramo desmereceu o ser garfo de tal tronco: nem tampouco se deve ella desgostar, ou descomprazer; porque às vezes assim he necessario esgalhar a Arvore, e transplantar o Ramo, tanto para maior crescimento do Ramo, como para robustar melhor a Arvore, e tambem para que assim se possam multiplicar os fructos, e haver mais abundancia delles; pois he certo que, ou sejam estes da Arvore, ou do Ramo, tudo he fructo da propria especie, e tudo redundam em abono do mesmo tronco; porque, passando de humas a outras Arvores, sempre forão creditos para o Pays as glorias de seus filhos (...).’*”

JABOATAM (1761:Livro I:76)

Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853), que esteve no Brasil entre 1816 e 1822, ao viajar pelas Minas Gerais, na região do vale do Rio das Mortes, paróquia de São João d'El Rei, teceu comentários nada aprovadores sobre a conduta de alguns religiosos, frente aos interesses e prioridades concedidos às questões terrenas. Ao invés de se preocuparem com as doutrinas e preceitos estabelecidos pela Igreja católica, os citados promotores da fé estavam mais interessados na cultura profana, baseada literalmente no desenvolvimento de actividades económicas em zonas rurais, dentre elas, a policultura rentável, ainda pouco explorada no período⁸.

Johann Baptist von Spix e Karl Friedrich Philipp von Martius, que visitaram o Brasil entre 1817 e 1820, descreveram, com precisão de naturalistas, dentre os muitos aspectos característicos do primeiro quartel do século XIX, paisagens de várias regiões percorridas. De Minas Gerais, esses dois viajantes relataram aspecto significativo, que permite reflectir sobre a vida em grandes e ricas fazendas da região, como a que foi intencionalmente visitada, nas proximidades do rio das Velhas, denominada fazenda do Padre Freitas, propriedade de um cura, possuidor de minas de extração de ouro e dono de engenho. Dentre as observações colhidas, ficou ressaltada a necessidade de treinar mão-de-obra para a realização de actividades específicas, como acontecia em conjuntos monásticos. Ensinavam-se in loco vários tipos de práticas, inclusive, a de cultura agrícola.

*“(...) As fazendas distantes estão privadas de todo auxílio dos centros mais habitados; todo fazendeiro rico vê-se, portanto, forçado a prover por si mesmo as necessidades de sua casa, mandando ensinar ofícios aos seus escravos. Em geral, encontram-se na fazenda, operários e aparelhos para sapateiro, alfaiate, tecelão, serralheiro, pedreiro, tijoleiro, caçador, mineiro, para trabalhos da lavoura [e de hortas, pomares e ou jardins], etc, ofícios que, numa cidade populosa, estão divididos em corporações especiais. A testa dos trabalhos está um feitor, mulato ou negro de confiança, e a ordem do dia é determinada como num claustro. O fazendeiro figura como governador, juiz e médico, em sua propriedade. **Às vezes, também faz papel de padre, ou requer para a capela da casa os ofícios do pároco da vizinhança** (...)”⁹ (sublinhado nosso).*

⁸ “(...) Nesta zona, grande número de sacerdotes se limita a dizer missa, e dedica a outras coisas que não as funções do sagrado ministério. Nada é tão commum como os padres fazendeiros; o melhor boticário de São João d'El Rei era um eclesiástico que preparava e vendia, elle próprio, as suas drogas; nessa cidade, ao que me disse o vigário, outro padre vendia tecidos aos covados. Que se pode esperar de homens que professam ostensivamente o desprezo de todas as regras? e passo em silêncio muitos outros escandalos”.

SAINT-HILAIRE (1937:127). [Edição francesa: 1847].

⁹ O Padre Freitas era uma pessoa singular pela sabedoria e pelo património que detinha. Em sua biblioteca, existiam raridades literárias para a época, dentre elas: a intitulada *Medicina Doméstica* de Buchanan, tradução portuguesa, muito utilizada, segundo os viajantes para cuidar da escrivatura e protegê-la contra ataques de moléstias, além de obras de Rousseau, Voltaire e outros autores.

SPIX & MARTIUS (1938:Tomo II:84-85). [Edição alemã: 1823].

Assim, podemos falar de outra fazenda, a do Padre Corrêa¹⁰, situada nas proximidades do rio Piabanha, [divisa entre os Estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais], onde se praticava uma agricultura de alto nível, segundo os padrões da época. Na mencionada fazenda, eram produzidos para os mercados locais cerejas, figos, pêsegos, uvas e outras frutas de procedência europeia, cultivadas em grandes pomares, favorecidos pelo clima ameno do sítio, garantindo significativos lucros ao seu empreendedor. Nos jardins, ainda eram plantados cravos, para serem comercializados nas adjacências, bastante prestigiados pelo gosto lusitano. Em relação ao funcionamento dessa e de outras unidades agrícolas, deve-se considerar a importância do binómio clima-solo, responsável pelo desenvolvimento de actividades de produção.

Muitos dos viajantes europeus, ao visitarem pessoas de prestígio da sociedade colonial ou pós-colonial, procedimento que se estendeu ao longo do século XIX, deixaram entrever em suas crónicas evidências curiosas. Em sítios pertencentes a ricos proprietários, situados nas zonas periurbanas, havia grande esmero arquitectónico no trato do verde construído, principalmente nas proximidades de edificações e ao longo de acessos ou caminhos de destaque. Os referidos locais encontravam-se diferenciados, inclusive, por meio do plantio de espécies arbustivas e arbóreas, orientadas a partir de um senso de ordem, cuja configuração resultante não passava despercebida aos olhares clínicos de visitantes, que relacionavam a existência de tais requintes a indícios do mundo civilizado.

Spix e Martius (1938:Tomo II:87). reforçaram a citada concepção, evidenciando o plantio de laranjeiras em alamedas, como aspecto de destaque e nobreza em determinadas glebas, cujos proprietários eram pessoas ilustradas, de posses, muitos deles possuidores de livros raros em suas bibliotecas, como o Senhor Texeira, morador no arraial de Caeté, Minas Gerais, português de origem, amabilíssimo nos tratos, juiz-de-fora na profissão e cultor da história natural e da jurisprudência. No rasto de pistas, sugeridas através de registos de época, é possível observar como o plantio de determinadas espécies sugere o repasse de conceitos, relativos aos espaços verdes. Podemos relacionar a presença dos citrinos na realidade brasileira à uma das manifestações da cultura lusíada.

Em Santa Catarina, por exemplo, as imagens consideradas por viajantes, que percorreram suas paragens, são preciosas, na medida em que revelaram circuns-

¹⁰ Segundo Auguste de Saint-Hilaire, o Padre Corrêa tinha uma reputação que o fazia distinguir de outros fazendeiros, principalmente, pelo seu conhecimento teórico e prático sobre técnicas agrícolas, que o tornaram famoso no Rio de Janeiro. Outros viajantes do século XIX, como: John Luccock, John Mawe, Spix e Martius, dentre outros, também, fizeram jus à fama do mencionado pároco e de sua propriedade, com casa avantajada e capela com belo adro.

SAINT HILAIRE (1937:20-21). [Edição francesa: 1847].

tâncias, possivelmente resultantes de transposições de costumes, experiências e práticas, oriundos da população de açorianos, base do povoamento do lugar. Os arrabaldes de pequenos povoados catarinenses, quando vistos do morro do Antão, como: Desterro, Estreito, Olarias, Praia de Fora, dentre outros, eram percebidos como um vasto pomar verdejante, de cafezais, laranjais e limoeiros, pontuado por casinhas brancas, numa agradável verdura, que aconchegava a vista. O grande jardim, pautado por traços de animação, beleza, fertilidade, produtividade, sensualidade, vida, era estimulante aos sentidos. SAINT-HILAIRE (1936:159), ao apreciar os arredores de Desterro, foi rendido aos encantos de visão edênica, potencializada por plantações de citrinos:

*“(...) nas vizinhanças da cidade estabeleceram-se lindas chácaras e mais longe, dispersos aqui e ali, encontram-se numerosos sítios. Enquanto nas províncias mais povoadas do interior caminha-se muito tempo sem nada encontrar-se que indique a presença do homem, aqui deparam-se-nos a cada passo casinhas cercadas de prodigiosa quantidade de laranjeiras, tendo ao lado uma roça de mandioca. Os terrenos dependentes de cada sítio e que dão para os caminhos de comunicação para a cidade ou para as outras propriedades, são vedados por sebes de limoeiros. Essas cercas vivas não possuem a cor suave do púlrteiro; entretanto, o seu verdor não é muito sombrio, nunca se desfolham como as nossas, e embalsamam o ar com o perfume das suas flores e das suas folhas (...)”*¹¹(sublinhado nosso).

Diante de traços típicos, atentamos para outros promotores que participaram do processo de construção dos espaços verdes em sítios coloniais, além de representantes da elite dominante. Levando-se em conta a existência de posições tendenciosas em relatos de época, observa-se que diversos registos enalteceram por demais homens ilustres, pertencentes a uma camada minoritária da população, geralmente bem sucedida, branca e letrada. Com isso ficou em segundo plano a grande massa anônima de hortelões e jardineiros, que de maneira representativa promoveram a disseminação de gostos e espécies vegetais, repassando concepções, muitas delas aprendidas com os próprios portugueses.

No universo de contribuições e aculturações, o negro foi outro promotor que deixou a sua marca nos interstícios de espaços verdes, onde foram introduzidas espécies para a subsistência do corpo e para os cuidados do espírito. A herança negra, muitas vezes esquecida, para não dizer negada, se manteve como forma de resistência à cultura europeia. Segundo Mara Zélia de Almeida, estudiosa de plantas medicinais, a influência africana não se resumiu somente ao incremento da culinária regional, responsável por agregar temperos e sabores típicos, como o do óleo de dendê, ao cardápio brasileiro, cujos pratos eram, não raras vezes,

¹¹ Outro cronista do século XIX, Afonso de Escragolle Taunay, também exalta a visão panorâmica desfrutada do morro do Antão, cuja paisagem é descrita com os mesmos atributos percebidos por Auguste de Saint Hilaire, “*uma mancha verde de laranjaes e cafezais com casas e casinhas brancas*”. TAUNAY ([1926]:91-93).

requintadamente, servidos em finas louças¹². Da cultura negra, encontram-se vivos os costumes e as crenças, baseados em conhecimentos etnomédicos de “babalorixás” e “yalorixás” (sacerdotes), que prescrevem o consumo de plantas ritualísticas, através de cascas, folhas, raízes e sementes para “banhos”, fins medicinais e outros propósitos. Também acabam incentivando, directa ou indirectamente, o cultivo de algumas delas, como a guiné, comum em diversos sítios brasileiros. É utilizada, inclusive, por moradores de Ouro Preto e Olinda, para ajudar a livrar o “olho grande” ou o “mal olhado”. A mencionada pesquisadora cita facto curioso, a partir de informações obtidas no recôncavo baiano, e que envolve a referida planta. Era conhecida popularmente pela sinonímia de “amansa-senhor”. Ao serem preparadas refeições domésticas, escravos adicionavam a guiné sob forma de chá na alimentação de senhores de engenho e seus feitores, provocando, depois de um certo tempo, molezas e sonolências. Estudos científicos recentes comprovam os efeitos dessa planta, cujos princípios activos actuam directamente sobre o sistema nervoso central¹³.

No caldeamento de raças e valores, nem sempre pacífico, os jardins foram testemunhos vivos de processos de aculturações sucessivas, cujos detalhes construtivos são preciosos registos de uma história quase invisível aos olhos de grande parte das pessoas, que pouco conhece a respeito da gramática e sintaxe de elementos utilizados no desenho base de espaços verdes, em específico, de sítios coloniais. Assim, quaisquer indícios e vestígios de ocupação humana podem sugerir preciosas informações. No Brasil mestiço, de muitas caras e cores, a mentalidade do útil aliada à do agradável se fez notar, não só nas hortas e pomares de propriedades abastadas, mas em lugares menores, de tradição popular, localizados nas próprias cidades, nem sempre compreendidos segundo a lógica do erudito.

Ao tentar recompor um quadro de época, não se pode esquecer da figura feminina, tão pouco prestigiada em relatos históricos. Na administração de demandas práticas da vida quotidiana em família, teve papel relevante na difusão de tradições herdadas. Enquanto os homens centravam seus interesses nas causas produtivas ou nas mais rentáveis economicamente, as mulheres, den-

¹² Foram transplantadas da África para o Brasil diversas espécies, que ainda conservaram os seus nomes “yorubás”, do sudoeste da Nigéria, como: akôkô (*Newbouldia aexis* Seem), fava de Aridam (*Tetrapleura tetraptera* Paub), obí (*Cola acuminata* Schott e Endl.), orobô (*Garcinia cola* Heckel), rím-rím (*Monnieria trifolia* L.), etc. Das espécies africanas aclimatadas mais conhecidas, podem ser mencionadas: dendê, inhames, jaqueira, mamona, quiabo, tamarineiro, que se tornaram “espontâneas” na nossa paisagem. Nesse contexto, deve ser mencionada a contribuição brasileira para o enriquecimento da flora africana, com o “refluxo migratório” ocorrido em período pós-abolição. Foram levados para a África: algumas espécies de anonas, batata doce, fumo, guiné, milho, pinhão branco, etc.

ALMEIDA (2000:34-44).

¹³ *Idem. Ibidem.*

tro de estreitos limites do mundo que lhes cabia, ajudaram a promover a selecção de espécies utilitárias e ornamentais, segundo padrões aprendidos. Criaram suas próprias referências na intimidade de hortas, pomares e ou jardins, longe de olhares curiosos de viajantes e visitantes, tornando-os lugares produtivos e férteis, facto que influenciou a configuração da estrutura verde na paisagem.

A vida doméstica também reflectia suas preferências por determinados tipos de vegetação, cujas qualidades ajudaram a confeccionar prendas caseiras, tais como: pratos de culinária local ou regional, remédios e ou mezinhas, enfeites florais, assim como perfumes ou águas-de-cheiro, que demonstravam a forte presença do universo feminino no âmbito da moradia. Até mesmo em alguns cômodos da casa, como nas varandas, a ambiência local era pautada pela figura da mulher, que escolhia as espécies a serem cultivadas na sua envoltória, especialmente plantas aromáticas e ou ornamentais, como botões de ouro (*Ranunculus acris*, L.), camélias, clematites, cravos da índia, ervilhas de cheiro (*Lathyrus odorans*, L.), escabiosas, estefanote tropical, flor-do-imperador (*Oleo fragrans*), fúcsias, gerânios, jasmims, laranjeiras, manacás, pitangueiras, roseiras, saudades, verbenas, etc. O elenco de plantas difundidas favorecia o exercício do ócio e a fruição da paisagem. Muitas vezes, esquecido no tempo da memória, o repertório utilizado revela segredos sobre o *modus vivendi* de uma época¹⁴.

A maioria dos viajantes europeus que percorreu o país, durante o século XIX, não estava inteirada das referidas particularidades. Não raras vezes, espaços verdes urbanos foram percebidos como abandonados, desordenados, mal tratados. *O Dicionario Geographico, Historico e Descriptivo do Imperio do Brazil* (1845), obra referencial, de autoria de SAINT-ADOLPHE (1845: 180-184), exemplifica o tipo de visão preconceituosa, a partir da descrição da cidade de Ouro Preto.

“(...) A cidade d’Ouro-Preto está assentada em varios montes que servem de base à serra d’Ouro-Preto, (...) A esterilidade da sumidade da serra, as gargantas e excavações, um céu quasi sempre ennevoado, **casas edificadas sem symetria em outeiros desiguales com quintaes estreitos mal cultivados, e separados uns dos outros por muros arruinados, eis o aspecto pouco lisongeiro que offerece a capital da provincia de Minas-Geraes (...)**” (sublinhado nosso).

¹⁴ John Mawe (1764-1829), ao relatar sobre costumes brasileiros do século XIX, atenta para hábitos elegantes, incentivados pelas próprias mulheres. “(...) *Aqui se consideram as flores como parte integrante dos adornos femininos, para o cabelo e, quando se apresenta um estrangeiro a uma senhora, não passa de ato comum de cortezia desprender uma flor do cabelo e oferecê-la. A este elegante cumprimento deve-se retribuir, durante a visita, escolhendo uma flor entre a profusa variedade que adorna o jardim, ou a sacada, e oferecê-la*”.

MAWE (1944:92). [Edição inglesa: 1812].

WELLS (1995:202). [Edição inglesa: 1886].

Há de se considerar que muitos dos relatos legados à posteridade não contemplaram a origem de vivências domésticas. O entendimento fragmentado da própria história resultou na consciência falha sobre os espaços verdes. Ressaltamos na actualidade a importância de rediscutir a preservação da paisagem como um todo, inclusive no tocante à protecção de sistemas naturais, para que os espaços abertos, remanescentes na malha urbana, possam se manter segundo os pressupostos que lhes deram origem. É uma questão de bom senso. Planear os conjuntos arquitectónicos de modo íntegro, certamente, irá favorecer a permanência de traços de identidade e heranças culturais, associados ao cultivo da terra, e conseqüentemente da morfologia de cidades, como Ouro Preto e Olinda.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Mara Zélia de, 2000 – *Plantas medicinais e ritualísticas*, Salvador, EDUFBA.

BRANDÃO, Ambrósio Fernandes, 1997 – *Diálogos das grandezas do Brasil*, Recife, Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana.
[Texto datado do segundo semestre de 1618].

CARAPINHA, Aurora da Conceição Parreira, 1995 – *Da essência do jardim português*, Évora, Universidade de Évora.

Dissertação apresentada para obtenção do grau de Doutor no ramo de Artes e Técnicas da Paisagem (policopiado).

CARAPINHA, Aurora da Conceição Parreira, 2001 – *Jardins históricos em Portugal. Curso promovido pelo Centro de História da Arte da Universidade de Évora*, Évora, 28-31 Maio.

CARDIM, Fernão, Padre (1548/1549-1625), 1997 – Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuítica, pela Bahia, Ilhéus, Porto Seguro, Pernambuco, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Vicente (São Paulo), etc., desde o ano de 1583 ao de 1590, indo por Visitador o Padre Cristóvão de Gouveia ou Informação da missão do Padre Cristóvão Gouveia às partes do Brasil, ano de [15]83, escrita em duas cartas ao Padre Provincial em Portugal. In: *Tratados da terra e gente do Brasil*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses.

FREYRE, Gilberto, 1942 – *Uma cultura ameaçada: a luso brasileira*, Rio de Janeiro, Edição da Casa do Estudante do Brasil.

JABOATAM, Antônio de Santa Maria, Frei, 1761 – *Orbe seráfico novo brasilico*, Lisboa: Oficina de Antonio Vicente da Silva.

(Digressão I-VI, Livro ante-primeiro, Livro I e Livro II).

LEITE, Serafim, 1943 – *História da Companhia de Jesus no Brasil*, Tomo IV, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional.

LEITE, Serafim, 1945 – *Para a história econômica do Brasil. Fazendas e engenhos jesuítas*. “Verbum”, Rio de Janeiro, [Imprensa Nacional], Tomo II, Fasc. 2, Jun. 1945, Separata.

LEITE, Serafim, 1949a – *História da Companhia de Jesus no Brasil; assuntos gerais, séculos XVII-XVIII*, Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, Tomo VII.

MAWE, John, 1944 – *Viagens ao interior do Brasil principalmente aos distritos do ouro e dos diamantes*, Rio de Janeiro, Zelio Valverde.

PITA, Sebastião da Rocha (1660-1738), 1976. *História da América portuguesa*, Belo Horizonte, Editora Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo.

RIBEIRO, Darcy, 1995 – *O povo brasileiro. A formação e o sentido do Brasil*, São Paulo, Companhia das Letras.

SAINT-ADOLPHE, J. C. R. Milliet de, 1845 – *Diccionario geographico historico e descriptivo do Imperio do Brasil*, Pariz, Casa de J. P. Aillaud.

SAINT-HILAIRE, Auguste de (1779-1853), 1936 – *Viagem à província de Santa Catarina (1820)*, São Paulo, Companhia Editora Nacional.

SAINT-HILAIRE, Auguste de (1779-1853), 1937 – *Viagem às nascentes do Rio São Francisco e pela província de Goyaz*, Tomo Primeiro, São Paulo, Companhia Editora Nacional.

SAINT-HILAIRE, Auguste de (1779-1853), [1940] – *Viagem à província de São Paulo e resumo das viagens ao Brasil, Província Cisplatina e Missões do Paraguai*, São Paulo, Livraria Martins.

SEPP S. J., Antônio, Padre (1655-1733), [1951] – *Viagem às missões jesuíticas e trabalhos apostólicos*, São Paulo, Livraria Martins.

SPIX, Johann Baptist von; MARTIUS, Karl Friedrich Phipp Von, 1938 – *Viagem pelo Brasil*, Tomo II, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional.

WELLS, James W, 1995 – *Explorando e viajando três mil milhas através do Brasil - do Rio de Janeiro ao Maranhão*, Belo Horizonte, Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais. [Edição inglesa: 1886].